

Um Estudo Exploratório da Percepção de Idosos Sobre Bens e Legados Digitais

Aline E.C. Verhalen, Cristiano Maciel, Patricia C. de Souza

Instituto de Computação - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Cuiabá – MT, Brasil

{alinearverhalen, crismac, pathycsouza}@gmail.com

Abstract. *The number of people in third age group and use cellphones can increase every year in Brazil. This trend makes them producers of digital assets (which may become a legacy), due to the constant generation of data. This exploratory study had a quantitative and qualitative approach with the use of a questionnaire as a data collection technique to address the research subject - to investigate the perspective of the elderly in relation to legacy and digital assets. It is concluded by the importance of the results that it is still necessary to have a bigger study with the third age, for the development of initiatives that help to improve the knowledge and use of technology as well as to increase their perception about their digital assets.*

Resumo. *O número de pessoas que pertencem ao grupo da terceira idade que usam aparelhos celulares no Brasil tem aumentado a cada ano. Essa tendência faz deles produtores de bens digitais (que podem vir a se tornar um legado), em razão da constante geração de dados. Este estudo exploratório, teve abordagem quantitativa e qualitativa com emprego de questionário como técnica de coleta de dados para tratar o assunto de pesquisa – investigar a perspectiva da terceira idade em relação a legado e bens digitais. Conclui-se pela importância dos resultados que ainda é necessário que haja um maior estudo com a terceira idade, para o desenvolvimento de iniciativas que ajudem a melhorar o conhecimento e uso da tecnologia bem como aumentar sua percepção acerca dos seus bens digitais.*

1.Introdução

Toda pessoa que, intermediada pela internet, acessa plataformas digitais (redes sociais, computadores, *tablets*, entre outros) acaba inevitavelmente gerando dados (fotos tiradas no celular, áudios recebidos e e-mails), a que Maciel e Pereira (2012) chamam bens digitais. Considerando-os em termos jurídicos, esses bens farão parte do legado digital da pessoa após seu falecimento. Carroll e Romano (2010) apresentam os bens digitais, fazendo uma reflexão acerca da quantidade de coisas que estão armazenadas atualmente no meio digital, e que essas coisas são bens, já que pertencem a uma pessoa, e apesar deste número de dados estar aumentando cada dia mais, não há uma reflexão sobre isso.

De acordo com o IBGE (2018), os idosos fazem parte do grupo que mais cresceu entre os usuários de internet em 2017, atingindo a marca de 31,1%. Apesar do número

crescente, alguns desses idosos não têm as informações necessárias sobre o que acontece ou acontecerá com seus dados, caso parem de usar a internet e as redes sociais, ou até mesmo faleçam. Chamados *Baby Boomers* – geração pós-Segunda Guerra Mundial (*Silent Generation*) (MCINTOSH-ELKINS; MCRITHCIE; SCOONES, 2007) –, eles nasceram quando a tecnologia, como a conhecemos hoje, ainda não havia sido “criada”, quando era utilizada para fins militares, não chegando até a população. Dessa forma, não tiveram tanto contato com a tecnologia quanto as gerações seguintes.

Diante do evidente descompasso entre as gerações no uso da tecnologia, é importante que os indivíduos mais velhos e pouco expostos a ela sejam alertados quanto à importância dos dados por eles produzidos e consumidos. Assim, saber o que essa parcela da população entende por bens digitais motivou a realização desta pesquisa, cujo objetivo é investigar qual a perspectiva da terceira idade acerca de questões relacionadas a bens e legados digitais.

A forma de abordagem adotada é de cunho quantitativo e qualitativo, com aplicação de questionário a dois grupos distintos de idosos que se reuniam periodicamente. Os resultados evidenciam os pensamentos dessa geração acerca do tema.

2. Arcabouço teórico

Para embasar a pesquisa, foram pesquisados artigos que pudessem ajudar na compreensão de como a terceira idade tem lidado com as tecnologias, especialmente, as perspectivas sobre bens digitais.

Lindsay *et al.* (2012) apontam que muitas pessoas buscam soluções tecnológicas para indivíduos da terceira idade, mas estes não são consultados se as querem ou não e tampouco se a funcionalidade dessas soluções lhes é útil. Neste trabalho eles se utilizam da abordagem OASIS (*Open Architecture for Accessible Services Integration and Standardization*). Apesar do uso da abordagem OASIS, os pesquisadores concluíram que o maior problema em validar a abordagem não eram os idosos, mas sim a relutância dos designers em trabalhar com este grupo.

Comparando os idosos jovens (55-65) com os longevos (66 ou mais), a pesquisa de Dias (2012) faz uma abordagem quantitativa e qualitativas sobre a relação dos dois grupos entrevistados com a internet. Os resultados evidenciaram que o baixo nível de escolaridade do idoso (sobretudo das mulheres mais velhas) limita o uso de computadores, celulares e internet. Porém, muitos na faixa mais jovem, ainda estão inseridos no mercado de trabalho, fazendo com que usem o computador e a internet.

Um estudo em três etapas foi feito por Thomas e Briggs (2014) a fim de identificar o que idosos esperariam da forma com que um legado digital é apresentado. O trabalho iniciou com a elaboração de cenários para tentar abranger a perspectiva da expectativa de idoso sobre legados digitais. A essa etapa seguiu-se o trabalho com o grupo focal de idosos, com o uso dos cenários e de *QR code* para maiores interações na discussão. Por fim, houve um *workshop* entre idades, em que os idosos puderam discutir com pessoas jovens sobre nativos digitais e criação de conteúdo digital. Como conclusão, os autores ressaltam que, na opinião de alguns idosos, a tecnologia seria uma barreira entre as gerações e não um meio de facilitar a troca de conhecimentos.

Ainda acerca de legados digitais, Brubaker e Hayes (2011) estudam em seu artigo as dificuldades de se cuidar do legado digital de uma pessoa, já que se trata de uma parte de quem a pessoa era. Isso se torna mais difícil ainda quando se faz necessário administrar este legado em redes sociais, pois há uma conexão entre a conta e a pessoa que a criou, de forma que a conta apresenta uma personalidade que aquela pessoa queria representar. Para Maciel e Pereira (2017), é premente a investigação do legado digital pós-morte à luz de princípios técnicos, culturais, legais e afetivos, e a proposição de soluções de projeto para sistemas de informação referentes ao espólio digital deixado pelos proprietários das contas que falecem.

Para facilitar a herança de materiais digitais, são equivalentes aos bens digitais definidos por Carroll e Romano (2010) –, já que se trata de fotos, *tweets*, entre outros arquivos produzidos digitalmente. Odom *et al.* (2012) desenvolveram três dispositivos que pudessem facilitar a herança desses materiais. Esses dispositivos foram testados por oito famílias, a fim de analisar seu design e usabilidade. Os pesquisadores concluíram que, para muitas famílias, os dispositivos não sustentam os valores da família da mesma forma que os bens físicos. Essa afirmação fez com que fosse ampliada a discussão sobre as soluções de design, buscando melhorar e facilitar o enfrentamento das famílias com a possibilidade de ter acesso aos bens digitais de maneira mais fácil no futuro.

Gray e Coulton (2013) exploram como o luto não sumiu, e sim foi se transformando até fazer parte do que seria o mundo digital. Ele foi sendo modificado até se adaptar a um luto digital, que muitas vezes ocorre em redes sociais. Este tipo de luto acaba trazendo implicações para aqueles que criam sistemas, que dão suporte ao “Fim da vida” (*end of life*). O trabalho mostra a importância de pensar neste aspecto, já que o processo de luto não engloba somente o falecimento de uma pessoa, mas todo um processo cultural, ao qual os sistemas devem estar preparados para atender.

3. Metodologia

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo, tendo como estratégia de coleta de dados a aplicação de um questionário, cujo objetivo foi entender a perspectiva dos participantes idosos sobre temas como tecnologia, bens digitais e importância desses instrumentos para cada um deles. A seleção da amostra resultou em dois grupos de idosos (G1 e G2) com as seguintes características: reuniam-se com periodicidade, estes grupos foram selecionados através de uma busca local, proporcionada pela pesquisadora. Cada um dos participantes assinou um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando o uso dos dados provenientes da aplicação de questionário. A aplicação do questionário aos dois grupos foi precedida de breve explicação sobre o conceito de Legado Digital e Bens Digitais.

Os três passos definidos para a organização do questionário não anônimo estão a seguir comentados: 1) As perguntas foram nomeadas com a letra “P”, seguidas do número de identificação por ordem numérica; e, utilizando-se o mesmo critério (letra e número), atribuiu-se “I” ao indivíduo participante, com o acréscimo da ordem de entrega do questionário. 2) O conjunto de 32 perguntas formuladas foi dividido em quatro sessões: dados pessoais (nome, idade, sexo, nível de escolaridade e profissão); religião (se participavam dos ritos dessa religião); conhecimentos sobre informática e internet (se utilizavam computadores e celulares); e aplicações que se encontram nesses aparelhos,

memoriais e bens (físicos e digitais), se eles consideravam bens digitais e bens físicos tendo a mesma importância. 3) A linguagem e o aspecto gráfico foram alvos de cuidados especiais a fim de tornar o questionário o mais simples possível para os participantes, o que inclui tamanho da letra e escolha das palavras. Assim, termos populares na tecnologia foram substituídos por outros, a exemplo de *smartphone*, para o qual adotou-se a designação celular com tela de toque.

O critério de escolha do local para a aplicação do questionário a G1 e G2 assim como das datas (10 de agosto e 13 de novembro, de 2019, respectivamente) observou aspectos como comodidade e adequação – locais onde comumente os participantes se reuniam com certa periodicidade, já equipados com mesas e cadeiras. Todos os participantes eram de terceira idade e já se conheciam. Um dos grupos é participante da comunidade nipo-brasileira e o outro, de um grupo da terceira idade de uma igreja católica. G1 é formado por 10 participantes e G2 por 9.

Na fase de aplicação da pesquisa, findada a explicação sobre os objetivos da pesquisa, foi-lhes perguntado se gostariam de participar dela. Alguns declinaram do convite por não fazerem uso desse tipo de tecnologia. A aplicação do questionário foi precedida de breve explicação sobre os conceitos de memoriais e bens digitais, a fim de que, caso não conhecessem sobre o assunto previamente, os participantes pudessem entender as perguntas. A pesquisadora se colocou à disposição para ler o questionário, caso fosse necessário, e para sanar dúvidas. A aplicação durou, em média, uma hora para ambos os grupos. Durante a aplicação do questionário, os comentários feitos por alguns participantes sobre suas experiências de vida foram devidamente anotados pela pesquisadora. Oportunamente alguns desses comentários serão transcritos durante a apresentação dos resultados obtidos. Ficou acordado que os participantes também não eram obrigados a responder a qualquer das perguntas.

Para a análise das respostas objetivas, utilizou-se o Libre Office Writer, com ferramenta de geração automática de gráficos fornecida pela aplicação. A fim de facilitar a visualização e análise das respostas subjetivas, todas foram digitadas em um documento à parte, separadas por pergunta, e indicadas com o número do participante.

4. Resultados

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos por meio do questionário dos grupos G1 e G2. Foram analisadas as respostas dos participantes, a fim de comparar se há alguma diferença expressiva na forma que os participantes lidam com tecnologias, e a perspectiva de terem um legado e bens digitais. É importante ressaltar que, quando verificado erros de assinalamento no preenchimento do questionário, as respostas conflitantes não foram invalidadas, já que havia perguntas que só deveriam ser respondidas quando assinalado “sim”, e mesmo assim, alguns participantes que assinalaram “não”, responderam elas. Não foram analisadas P1 nem P2 porque serviram somente para controle (“Qual seu nome?” e “Em que ano você nasceu?”, respectivamente). Neste artigo, o itálico será usado para a transcrição *ipsis litteris* das falas ou fragmentos de falas dos participantes da pesquisa.

Na primeira sessão (dados gerais), P3 perguntava o sexo do participante, G1, teve 7 mulheres, 1 homem, e 2 que não responderam, e G2 teve a participação de 8 mulheres.

Não se pode afirmar ao certo porque o grupo é majoritariamente feminino, sendo que uma das possibilidades é que os locais escolhidos tinham vínculos com encontros religiosos. De acordo com a *Pew Research Center*¹, mulheres representam a maioria de frequentadores de cultos religiosos.

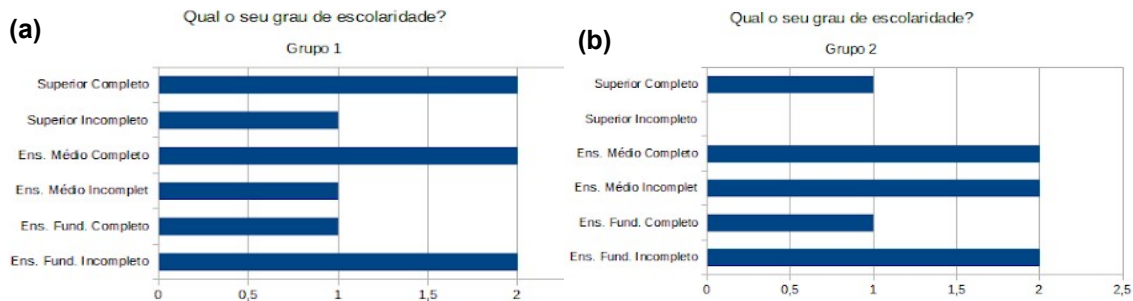


Figura 1. Grau de Escolaridade dos participantes de G1 e G2

Examinando os gráficos (a) e (b) da Figura 1, sobre o nível de escolaridade, 2 participantes do G1 afirmaram ter ensino superior completo, e somente 1 participante do G2. Quanto ao ensino médio completo, ambos tiveram 2 participantes com esta formação. Uma das participantes de G2 mencionou que tinha muito desejo de continuar a estudar, mas se casou muito nova, e o marido a impediu de continuar os estudos. Outras concordaram, e acrescentaram os pais, como aqueles que as impediam.

Quando perguntados sobre se achavam se era necessário planejar o futuro, Figura 2 (a) e (b), G1 teve como maioria a resposta: “É completamente necessário”(6 votos), seguido de: “a medida do possível, é necessário”(3 votos), e então “não é nada necessário”(1 voto). Diferente de G2 que, mesmo tendo como mais votada: “é completamente necessário” (4 votos), houve um empate entre “a medida do possível, é necessário” e “não vejo necessidade especial em fazer isso”, com dois votos cada. E por último: “Não é nada necessário”. Em G2, duas participantes manifestaram divergência acalorada de opinião, uma a defender que o planejamento futuro é “*completamente necessário*” e a outra a dizer: “*Não vejo necessidade especial em fazer isso*”.

Avaliando a sessão religião, relacionada a ter uma religião, verificou-se diversidade em G1: católica (7), budista (2) e não tinham religião ou não quiseram se manifestar (2); enquanto todos de G2 assinalaram que eram praticantes da religião católica. Quanto à prática religiosa, há em G1 praticantes frequentes e ocasionais: 3 responderam que sempre praticavam os ritos sociais de sua religião, enquanto 5, “às vezes”. A maioria dos participantes de G2 afirmaram participar sempre de seus ritos religiosos (7), e apenas 1 respondeu “*Sim, às vezes*”.

A sessão “Conhecimentos sobre Informática e Internet” focou a familiaridade do participante com a tecnologia. A maioria das respostas à pergunta inicial “Você usa celular?” foi “sim” em ambos os grupos: em G1 foram 9 votos e em G2, 7 votos. G1 teve 1 voto vazio, e G2 uma resposta negativa. Uma das participantes de G2 afirmou que, apesar de possuir celular, não o usava porque não sabia como fazê-lo.

¹ Pew Research Center. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2016/03/22/the-gender-gap-in-religion-around-the-world/>. Março



Figura 2. A Importância de planejar o futuro de G1 e G2

Para o tipo de celular, verificou-se que nos dois grupos há maioria de celular com tela de toque: 7 participantes em ambos os grupos. Um participante de G1 afirmou que o dele é analógico. A questão sobre o tipo de celular gerou muitas dúvidas em ambos os grupos por desconhecimento do modelo do celular. A pergunta então foi repassada à pesquisadora mediante a apresentação dos aparelhos para identificação do modelo.

A resposta à pergunta “Você usa computador?” mostra que há uma grande diferença entre os dois grupos. Enquanto 4 pessoas de G1 utilizam computador, só é visto um único usuário em G2. Entre os que não usam computador, o contingente de G1(4 usuários) é menor do que o de G2 (7 usuários), há 2 vazios em G1. Tipos de computador que os 4 participantes de G1 disseram utilizar: *notebooks* (2), computador de mesa (1) e ambos (1). O único usuário de G2 utiliza *notebook*.

Para saber sobre a experiência no uso de funcionalidades, foram feitas três perguntas: i) P13 (“Você utiliza Internet?”), no G1, o “sim” recebeu 6 votos enquanto o “não” e o vazio receberam 2 cada um; em G2, “sim” foi a preferência de 5 participantes e o “não” a de 3; ii) P14 (“Você costuma usar redes sociais?”), em ambos os grupos, idêntico número de participantes optou pelo “sim”, repetindo o padrão para a resposta “não” (respectivamente 4 e 3). Além disso, G1 teve 3 respostas vazias e G2, apenas 1. iii) P15 (“Você costuma usar outras funcionalidades do computador, ou celular e Internet (exemplo: editores de texto, e-mail)?”), os grupos mostraram notável diferença entre si. G1 teve 5 respostas “sim” e 3 “não”; e G2, 7 respostas “não” e nenhuma resposta afirmativa. G1 teve duas respostas vazias e G2, uma.

Em P16, “Se você marcou SIM para alguma das questões anteriores, assinale a seguir quais dos programas você usa e seu nível de confiança para utilizar eles.” Foram colocados diversos programas que podem ser acessados em computadores e/ou celulares, dentre eles: *WhatsApp, Facebook, e-mail, Instagram, Word, Pinterest*, entre outros, com a pergunta. A preferência revelou-se a mesma em ambos os grupos, sendo estes: *WhatsApp, E-mail e Facebook*, respectivamente, porém, em G1, houve um empate entre *Facebook e Word*, ambos com dois votos. Em seguida foi perguntado se alguém ajudava os participantes a usar as redes sociais, sendo que G1 teve 6 respostas “sim” e 4 “não”, e G2, 3 “sim” e 3 “não”, com 2 vazios.

Para aqueles que respondessem “sim”, seguia-se a pergunta “Quem?”. A maioria de ambos os grupos respondeu: netos, seguido de filho(a). Em G1 houve empate na preferência por filho(a) e amigos. Uma pessoa de G1 respondeu cônjuge, opção que não foi marcada por nenhum em G2. Há duas suposições para a não incidência: talvez estas

senhoras não achem que seus cônjuges sejam capazes de ajudá-las, do que se presume tenham a mesma idade, ou talvez elas possam ser separadas ou viúvas.

Com relação à questão discursiva P19, “O que ocorrerá com seus arquivos quando você parar de usar a rede social?”, obtiveram-se as seguintes respostas: dos participantes de G1, 5 não responderam, 2 responderam “*nada*” e 3 assim se manifestaram, respectivamente I2, I5 e I9: “*será guardado no aparelho*”; “*Acho que será descartado*” e “*Esquecida ou descartada*”; dos participantes de G2, 4 foram as respostas em branco, enquanto I2, I3 e I4 acham que irão “*sumir*”. I8 afirmou: “*Eu acho que se o celular não da ‘nem um’ problema, o arquivo vai continuar*”.

Alguns participantes de ambos os grupos expressaram a insatisfação com os aparelhos que utilizam, já que em algum momento o aparelho fica cheio, e eles devem excluir as coisas que tem armazenadas ali, porém, está é ilógico, já que não há como ter um armazenamento infinito no aparelho. Além de problemas que podem ocorrer com as próprias aplicações.

A questão P20 até P22, tinham como escopo Memoriais e Bens (Físicos e Digitais). A pergunta P20 era: “Você acha importante manter a memória da família ao longo dos anos?”, em G1, 7 pessoas responderam “sim”, 1 “não” e duas deixaram em branco, em G2, se não fosse 1 resposta em branco, haveria unanimidade, pois 8 responderam “sim”. Em P21, “Você se preocupa com a manutenção das memórias da sua família?”, G1 teve 7 respostas “sim” e 3 respostas em branco. Enquanto, G2 teve unanimidade, com 8 respostas “sim”, e uma em branco. P22, “Você mantém suas lembranças organizadas?”, G1 teve 7 respostas “sim”, uma “não” e duas em branco. Já G2 teve, 7 respostas “sim”, e uma vazia. Adicionalmente foi pedido para que os participantes falassem um pouco mais sobre o tema (lembranças e a manutenção das memórias).

O tema família foi recorrente nos dois grupos. Em G1, 6 participantes responderam com frases como: “*Fico feliz de relembrar as memórias da família*”, escrita por I3 e “*Para os netos lembrar dos descendentes*”, de I2. I7 ainda relatou ter vídeos “*Super 8*”² sobre viagens de família guardados. Ele perguntou se poderia ser considerado um Bem Digital, já que está salvo de uma forma que só pode ser acessado por uma máquina. Já I9 relatou ter arrumado arquivos de fotos e documentos para cada filho.

Em G2, houve três respostas, I5 escreveu que: “*Lembrar das coisas boas do passado*”, I6 escreveu sobre a família, tal como os participantes de G1: “*Falar de família para família*”, enquanto I8 disse que preferia usar para as “*matar as saudades*” álbuns físicos, ao invés de fotos no celular.

Uma coisa que ficou clara em ambos os grupos é a importância de manter as coisas para a família. Porém, para estas pessoas, também existe a importância nas lembranças para eles mesmos. Essa questão foi falada por uma das integrantes de G1, que disse que: “*Os filhos e netos não iriam se importar com as fotos que ela tinha com as amigas*”. Essa fala ressalta o fato de que, para os participantes, alguns dos bens por eles cultivados acabam sendo importantes somente para eles próprios.

²Câmera lançada pela Kodak em meados dos anos 60, revolucionando a filmagem de filmes caseiros. Disponível em: <https://www.livescience.com/33332-why-super-8-great.html>. Março

Os gráficos (a) e (b) da Figura 3 representam as respostas ao pedido de P23 para colocar em ordem de importância os diversos itens listados: móveis, motos, objetos (xícaras, talheres, bules etc.), eletrodomésticos, bens digitais e cartas. Em ordem decrescente de importância, “Fotos”, seguido de “Móveis”, foram os mais escolhidos em ambos os grupos. Somente duas pessoas escolheram “Cartas” em meio a lista de importância em G1 (Figura 3 (a)), mas não sendo o mais importante, e somente três escolheram eletrodomésticos, mas também, não como o mais importante. Em G2 nenhuma pessoa considerou cartas ou eletrodomésticos conforme se vê na Figura 3 (b).

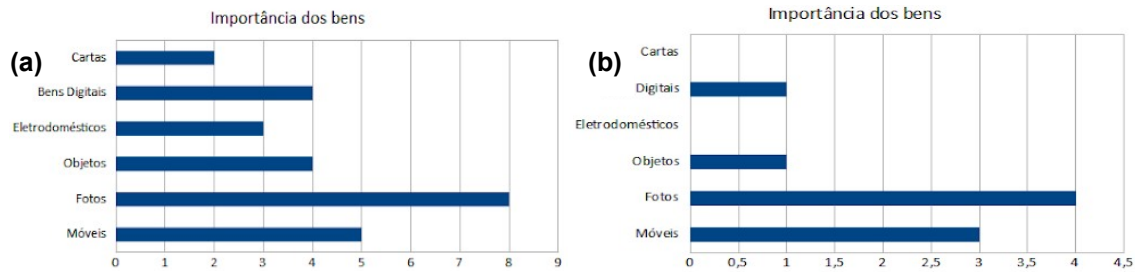


Figura 3. Quais bens são mais importantes de G1 e G2

P24 desejava saber se os participantes já haviam se preocupado com o repasse de bens digitais em vida, obtendo-se dela, na devida ordem, as seguintes respostas de G1 e G2: 8 respostas “sim” e 2 “não”, e 3 “sim” e 5 “não”. A pergunta P25 (“Você acha que um bem digital tem o mesmo valor que um bem material?”), G1 teve como maioria “não”, com 5 respostas, 3 “sim”, e 2 em branco. As respostas de G2 foram semelhantes, com 5 “não”, 1 “sim” e 1 em branco. Em P26 prevaleceu o “sim” tanto em G1 quanto em G2 (6 e 5, respectivamente) com relação à importância de as informações digitais serem mantidas. Na P27, foi perguntado se os participantes deixariam alguém administrar seus bens após seu falecimento, Figura 4 (a) e (b). Ficou demonstrado que a quantidade de resposta “sim” (3) foi a mesma em ambos os grupos; e que o “não” recebeu a preferência de 4 pessoas em G1 e 2 em G2. “Não tem bens digitais” foi a resposta de 2 pessoas e 1 participante não respondeu. Isto se deu em ambos os grupos. A pergunta P28 “Se sim. Quem?” foi respondida indevidamente por muitos, apesar da orientação só fazê-lo caso a resposta à pergunta anterior fosse “sim”. “Filhos” foi a resposta da maioria nos dois grupos: 4 em G1 e 3 em G2. “Neto” recebeu 2 votos em G1.

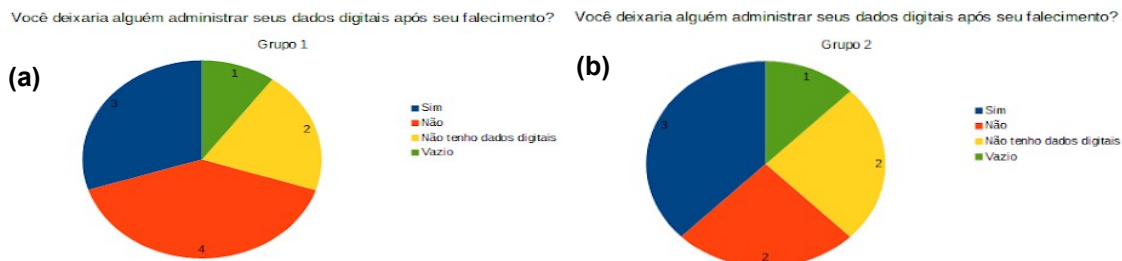


Figura 4. Deixaria alguém administrar seus dados digitais após seu falecimento de G1 e G2

Em resposta à P29: “Você já tinha ouvido falar de Legado Digital?”, um participante de G1 marcou “sim”, enquanto 9 marcaram “não”, já G2 teve 3 respostas “sim” e 5 “não”. Em seguida, em P30, solicitava que escrevessem o que acharam sobre explicação acerca de Legados Digitais. G1 teve 7 respostas para a pergunta subjetiva. I1, I4 e I9, que disseram: “ótimo”, “achei importante” e “Interessante e importante para

deixar para os filhos e netos”, os demais participantes (I3, I5 e I6) colocaram “nada”, enquanto I10 respondeu “não”. Enquanto G2 teve 3 respostas para essa pergunta. As respostas de G2, foram de I5, I6 e I7, que acharam “*Interessante, nunca tinha ouvido falar*”. “*Ótimo, deviam ter mais pessoas para vir explicar*”, “Achei “*hotimo*”.” Não se atribui à ausência de respostas detectada a falta de interesse pelo tema, e sim a forma como eles deveriam falar deste interesse. Retomando-se comentários anteriores quanto ao planejamento atual do legado, fica demonstrado certo interesse pelo tema, já que muitos separam as fotos e vídeos que produzem.

P31 perguntava sobre o interesse deles em continuarem a participar de pesquisas sobre o tema, tendo 3 “sim” e 7 “não” em G1, e unanimidade de 8 “sim” em G2. Acredita-se que um dos motivos seja a periodicidade de encontros do grupo, já que G2 possuía um encontro semanal, e G1, não possuía uma periodicidade específica. Na última pergunta (P32), foi solicitado que acrescentassem alguma consideração ao tema. Nenhum dos participantes de G1 se manifestou. Três participantes de G2 relataram: “*Quero aprender*”, “*Quero aprender a mexer no celular*”, e “*Adorei continuar*” – respectivamente I5, I6 e I7.

5. Discussões

Na primeira sessão, em ambos os grupos, a maioria dos participantes era de mulheres, muitas delas trabalharam em casa como costureiras, cabeleireiras e algumas como comerciantes, sendo que atualmente, estão aposentadas. Todavia, a maioria exerceu ou exerce a função de “dona de casa”. A escolha profissional pode ser decorrente do nível de escolaridade de cada uma, ou de fatores alheios a sua vontade, por exemplo, a submissão a um provedor com poder de decisão sobre a permanência delas na fase escolar.

A sessão sobre religião não trouxe surpresas, já que os questionários foram aplicados em ambientes usados para as práticas religiosas dos participantes. Nilsson, Sarvimäki e Ekman (2003) quando entrevistaram pessoas idosas com relação a suas perspectivas de futuro sob o ponto de vista psicológico, chegaram à conclusão de que pensar no futuro estão intrinsecamente ligado a religião. Muitos dos seus entrevistados que eram cristãos, demonstravam mais facilmente seus pensamentos e valores. Contudo, no geral, quando confrontados pela perspectiva de futuro, eles planejavam o futuro como algo diário, mas evitavam o confronto com a morte.

No que diz respeito à sessão ‘Conhecimentos sobre Informática e Internet’, são oportunos quatro destaques: i) a maioria dos participantes usa mais o celular que o computador, o que contrariou nossas expectativas, pois eles advém de uma geração que primeiro conheceu o computador; ii) muitos dos participantes não relacionam o uso de aplicativos como *WhatsApp* e *Facebook* à internet; iii) alguns dos participantes desconheciam que a falta de internet era o motivo por que suas mensagens não eram entregues; iv) conforme esperado, o *WhatsApp* é a aplicação mais utilizada, principalmente para organizar encontros como aquele que estava ocorrendo e para o envio de fotos, ou para entrar em contato com os entes queridos e amigos.

Foi tratado por Mallenius, Rossi e Tuunainen (2007) que, apesar de haver um grande interesse por parte deste público em aprender novas tecnologias, tais como o uso de smartphones, existem vários fatores que podem impedir que a terceira idade adote-as,

entre eles a ansiedade, que pode ser gerado ao aprender algo novo e o fato de que os manuais de instrução muitas vezes não são explicativos para esse público.

As questões referentes a ‘Memoriais e Bens (físicos e digitais)’ revelaram que as fotos armazenadas em celular, o item mais citado da lista de opções, não tem importância para os participantes e, por isso, não a consideram um bem digital. Uma das razões para este comportamento pode ser explicada com o posicionamento de Massimi e Baecker (2010) sobre heranças e bens digitais. Na opinião dos autores, a maioria das pessoas dá preferência a herdar bens materiais (por carregar maior valor emocional) a bens digitais. Outra justificativa plausível está, segundo Gray e Coulton (2018), na tomada de consciência que, no caso em tela, ocorreu quando da classificação dos bens por grau de importância. Essa situação levou os participantes a pensar o que faz aqueles bens serem mais importantes para eles. Como exemplo, cita-se que somente duas pessoas, somando ambos os grupos, escolheram cartas como algo importante.

Também houve divergência nas respostas sobre ter bens digitais, e com quem deixariam estes bens, já que, novamente, alguns participantes disseram que não deixariam seus bens digitais com ninguém, outros, que não tem bens digitais, porém, esses participantes assinalaram para quem deixariam esses bens.

Ao fim, poucos participantes já haviam ouvido falar de Legado e Bens Digitais, sendo assim, para eles, quem ficasse com seus aparelhos digitais (notebooks e celulares), seria quem ficaria com os dados contidos neles. Eles também falam sobre a perspectiva de que, ninguém da família gostaria de ficar com os aparelhos, pois estariam usados, ou até mesmo obsoletos. Apesar disso, considerando as questões anteriores, pode-se notar que há um interesse na manutenção destes bens, que os participantes já armazenam e guardam à sua maneira para que os familiares tenham acesso. Todavia, supõe-se que, por terem que escrever sobre o tema, houve um certo receio, já que alguns participantes perguntaram qual era a “resposta certa.”

6. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo investigar, na perspectiva da terceira idade, aspectos de legado e bens digitais. Com os resultados encontrados por meio da aplicação do questionário foi possível analisar um pouco da perspectiva dos idosos. Observando as respostas do questionário de ambos os grupos e alguns comentários feitos pelos participantes durante a aplicação, é notável o desconhecimento sobre a existência de bens digitais e a ausência de percepção destes como tal. Por mais que pensem em deixar suas memórias e heranças, os bens digitais não são considerados por eles. Aqueles com maior conhecimento acerca de tecnologia organizam os documentos nato-digitais de forma a deixar para os filhos. Mas, por não saberem que são bens digitais, acabam os considerando apenas como fotos ou documentos que podem ser impressos e entregues.

Um dos maiores obstáculos para a valorização dos bens digitais na geração estudada é seu desconhecimento sobre as ferramentas que estão utilizando. Isso ficou evidente desde o início, quando da apresentação do questionário e tema abordado, ocasião em que muitos deles começaram a associar os bens armazenados em celulares, computadores e, até mesmo em discos externos, com bens digitais e com as inevitáveis

perdas provocadas pelo meio digital. Tais perdas poderiam ser evitadas com um pouco mais de conhecimento.

Uma questão interessante sobre bens digitais é que atualmente artefatos como fotos são compartilhados por muitas pessoas em diferentes dispositivos. Assim, determinar quem é o detentor daquele bem digital ou quem ficará responsável pela conservação dele não é uma tarefa trivial. Comparando com as antigas fotos em papel, que eram guardadas por alguns membros da família, as fotos no formato digital permitem outros tipos de armazenamento e compartilhamento, podendo ser perpetuadas de outras maneiras. Todavia, há uma complexidade neste tratamento, uma vez que, quanto maior for a quantidade de fotos geradas, maior será a possibilidade de perdê-las pela não delegação de responsabilidade a determinadas pessoas e/ou não compartilhamento, por exemplo. O uso de álbuns de foto, por exemplo, ainda é muito ligado às redes sociais, que também têm restrições quanto ao repasse de bens digitais, os quais, por sua vez, ainda estão condicionados às políticas de cada empresa.

Muitos participantes reclamaram do tamanho do questionário e do uso das questões subjetivas. As falas coletadas dos participantes sugerem que eles se sentiam muito mais confortáveis em falar sobre o assunto do que escrever sobre ele e, além disso, havia o fator da baixa escolaridade. Pretende-se com este estudo exploratório, elaborar hipóteses e ampliar a pesquisa para enriquecer a compreensão da percepção sobre os idosos em relação a legado e bens digitais. Em consequência do aumento da longevidade desse público, e vinculado ao propósito citado, pretende-se também desenvolver iniciativas que venham lhes proteger de cibercrimes e facilitar-lhes o acesso a uma série de serviços públicos.

7. Agradecimentos

Aos entrevistados, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso e ao Laboratório de Ambientes Virtuais Interativos, no qual é executado o projeto Dados Além da Vida (<http://lavi.ic.ufmt.br/davi/>).

8. Referências

- Brubaker, J. R.; Hayes, G. R. (2011) ““We will never forget you [online]” an empirical investigation of post-mortem myspace comments.” In: Proceedings of the ACM 2011 conference on Computer supported cooperative work. Hangzhou. Association for Computing Machinery. p. 123-132.
- Carroll, E.; Romano, J..(2010) “Your digital afterlife: When Facebook, Flickr and Twitter are your estate, what's your legacy?”. New Riders.
- Dias, I..(2012) “O Uso das Tecnologias Digitais entre os Seniores: motivações e interesses.” In: Sociología, problemas e práticas [online]. SciELO Analytics. n. 68. p. 51-77.
- Gray, S. E.; Coulton, P.. (2013) “Living with the dead: Emergent post-mortem digital curation and creation practices.” In: Digital Legacy and Interaction. Switzerland. Springer, Cham. p. 31-47.

- IBGE (2018b). Pnad Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Março.
- Lindsay, S., Jackson, D., Schofield, G., and Olivier, P. (2012). “Engaging older people using participatory design.” In: Proceedings of the SIGCHI conference on human factors in computing systems. Texas. ACM. pages 1199–1208.
- Maciel, C. and Pereira, V. C. (2012). “The Internet Generation and its Representations of Death: considerations for posthumous interaction projects.” In: Proceedings of the 11th Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems. Brasil. Brazilian Computer Society. p. 85–94.
- Maciel, C. and Pereira, V.C. (2017). Technological and Human Challenges to Addressing Death in Information Systems. In: Araujo, R. M.; Maciel, R. S.; Boscardioli, C. (org.). I GrandSI-BR-Grand Research Challenges in Information Systems in Brazil – 2016-2026. Relatório Técnico. [S.l.]:SBC. p.161-174.
- Mallenius, S.; Rossi, M.; Tuunainen, V. K.(2007) “Factors affecting the adoption and use of mobile devices and services by elderly people—results from a pilot study.” 6th Annual Global Mobility Roundtable, v. 31, p. 12.
- Massimi, M.; Baecker, R. M. (2010) “A death in the family: opportunities for designing technologies for the bereaved.” In: Proceedings of the SIGCHI conference on Human Factors in computing systems. Georgia. Association for Computing Machinery. p. 1821-1830.
- Mcintosh-Elkins, J.; Mcritchie, K.; Scoones, M.(2007) “From the silent generation to generation x, y and z: strategies for managing the generation mix.” In: Proceedings of the 35th annual ACM SIGUCCS fall conference. Florida. Association for Computing Machinery. p. 240-246.
- Nilsson, M.; Sarvimäki, A.; Ekman, S.-L.. (2003) “The meaning of the future for the oldest old.”In: The International Journal of Aging and Human Development, v. 56, n. 4, p. 345-364.
- Thomas, L.; Briggs, P.. (2014) “An older adult perspective on digital legacy.” In: Proceedings of the 8th Nordic Conference on Human-Computer Interaction: Fun, fast, foundational. Finlândia. Association for Computing Machinery. p. 237-246.
- Odom, W. *et al.* (2012) “Technology heirlooms? Considerations for passing down and inheriting digital materials”. In: Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in computing systems. Texas. Association for Computing Machinery p. 337-346.